

PROJETO DE EXTENSÃO EM ESCOLAS MUNICIPAIS DE HUMAITÁ-AM: RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE RACISMO ESTRUTURAL E DESIGUALDADES ÉTNICO-RACIAIS

EXTENSION PROJECT IN MUNICIPAL SCHOOLS OF HUMAITÁ, AMAZONAS, BRAZIL: AN EXPERIENCE REPORT ON STRUCTURAL RACISM AND ETHNIC-RACIAL INEQUALITIES

PROYECTO DE EXTENSIÓN EN ESCUELAS MUNICIPALES DE HUMAITÁ, AMAZONAS, BRASIL: RELATO DE EXPERIENCIA SOBRE RACISMO ESTRUCTURAL Y DESIGUALDADES ÉTNICO-RACIALES

Grete Guerreiro do Nascimento¹, Cleide Guerreiro do Nascimento², Renato Abreu Lima³

DOI: 10.54899/dcs.v23i92.6418

Recibido: 24/06/2026 | Aceptado: 22/07/2026 | Publicación en línea: 31/07/2026.

RESUMO

Este estudo tem como objetivo relatar a experiência de um projeto de extensão desenvolvido em escolas municipais de Humaitá-AM sobre racismo estrutural e desigualdades étnico-raciais. As atividades foram realizadas em três escolas municipais com turmas do 9º ano do Ensino Fundamental II, envolvendo 133 alunos. Para a execução do projeto, foram elaborados slides para palestra, vídeo educativo, quiz, placas com letras do alfabeto utilizadas na dinâmica e marca-páginas distribuídos aos participantes. Também foram aplicados questionários inicial e final, compostos por sete questões abertas e fechadas, com o objetivo de identificar os conhecimentos prévios dos alunos e avaliar as aprendizagens construídas durante as atividades. Os resultados demonstraram que a maioria dos alunos já havia ouvido falar sobre racismo, porém grande parte desconhecia o conceito de racismo estrutural. Ao longo das discussões, os alunos passaram a reconhecer situações de discriminação presentes no cotidiano escolar e social, muitas vezes naturalizadas como “brincadeiras”. Conclui-se que o projeto de extensão mostrou a importância de ações voltadas à Educação das Relações Étnico-Raciais nas escolas municipais.

Palavras-chave: Extensão Universitária. Diversidade. Educação Básica. Cidadania.

ABSTRACT

This study aimed to report the experience of an extension project carried out in municipal schools in Humaitá, Amazonas, Brazil, focusing on structural racism and ethnic-racial inequalities. The

¹ Mestranda em Ciências Ambientais, Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Humaitá, Amazonas, Brasil. E-mail: grrette28@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-3637-7448>

² Mestranda em Ciências Ambientais, Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Humaitá, Amazonas, Brasil. E-mail: cleide.guerreiro25@hotmail.com Orcid: <https://orcid.org/0009-0005-1720-6165>

³ Doutor em Biodiversidade e Biotecnologia, Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Humaitá, Amazonas, Brasil. E-mail: renatoal@ufam.edu.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0006-7654>

activities were conducted in three municipal schools with 9th-grade students from lower secondary education, involving a total of 133 participants. To implement the project, presentation slides, an educational video, a quiz, alphabet letter cards used in the educational activities, and bookmarks were developed and distributed to the students. Initial and final questionnaires, each consisting of seven open-ended and closed-ended questions, were applied to identify the students' prior knowledge and to assess the learning achieved throughout the activities. The results showed that most students had already heard about racism; however, a large proportion were unfamiliar with the concept of structural racism. During the discussions, the students began to recognize situations of discrimination in their school and social contexts that had previously been perceived as harmless jokes. It was concluded that the extension project highlighted the importance of educational initiatives focused on Ethnic-Racial Relations Education in municipal schools.

Keywords: University Extension. Diversity. Basic Education. Citizenship.

RESUMEN

Este estudio tiene como objetivo relatar la experiencia de un proyecto de extensión desarrollado en escuelas municipales de Humaitá, Amazonas, Brasil, sobre racismo estructural y desigualdades étnico-raciales. Las actividades fueron realizadas en tres escuelas municipales con grupos del 9.º año de la Educación Primaria, con la participación de 133 estudiantes. Para la ejecución del proyecto, se elaboraron diapositivas para las conferencias, un video educativo, un cuestionario interactivo, carteles con letras del alfabeto utilizados en la dinámica y marcapáginas distribuidos a los participantes. También se aplicaron cuestionarios inicial y final, compuestos por siete preguntas abiertas y cerradas, con el propósito de identificar los conocimientos previos de los estudiantes y evaluar los aprendizajes construidos durante las actividades. Los resultados demostraron que la mayoría de los estudiantes ya había escuchado hablar sobre el racismo; sin embargo, gran parte desconocía el concepto de racismo estructural. A lo largo de las discusiones, los estudiantes comenzaron a reconocer situaciones de discriminación presentes en el contexto escolar y social, muchas veces naturalizadas como “bromas”. Se concluye que el proyecto de extensión evidenció la importancia de desarrollar acciones orientadas a la Educación de las Relaciones Étnico-Raciales en las escuelas municipales.

Palabras clave: Extensión Universitaria. Educación Básica. Racismo Estructural. Desigualdades Étnico-Raciales. Ciudadanía.



Esta obra está bajo una [Licencia Creative Commons Atribución- NoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

INTRODUÇÃO

O racismo estrutural manifesta-se nas relações sociais, políticas, econômicas e institucionais, influenciando o acesso a direitos e oportunidades. Não se restringe a atitudes individuais ou a situações isoladas de discriminação, mas constitui um fenômeno historicamente

construído para a reprodução das desigualdades étnico-raciais (Almeida, 2019).

Como uma das principais consequências desse processo, as desigualdades étnico-raciais correspondem às diferenças de acesso a direitos, oportunidades e condições de vida entre grupos étnico-raciais. Essas diferenças também podem ser observadas na distribuição dos riscos e dos impactos socioambientais, demonstrando que o racismo se apresenta em diferentes contextos sociais e territoriais, afetando populações vulneráveis.

Pesquisa recente desenvolvida na Amazônia demonstra que o racismo ambiental afeta de forma desproporcional populações negras, indígenas e outros grupos socialmente vulneráveis (Pereira *et al.*, 2026). Essas desigualdades são resultado de processos históricos e sociais que influenciam o acesso à educação, ao trabalho, à saúde e a outros direitos, refletindo relações de poder e exclusão presentes na sociedade (Barata, 2009).

Para enfrentar essas desigualdades, a Educação para as Relações Étnico-Raciais passou a integrar as escolas por meio da Lei nº 10.639/2003, que tornou obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. A Resolução CNE/CP nº 1/2004 instituiu as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais, que orientam a implementação dessa política nas instituições de ensino (Brasil, 2004).

A promulgação das Leis nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008 representou um importante avanço para a educação brasileira ao tornar obrigatório o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira, Africana e Indígena nos currículos escolares, fortalecendo práticas pedagógicas voltadas ao reconhecimento da contribuição histórica, cultural e social desses povos e à promoção de uma educação mais inclusiva e igualitária (Brasil, 2003; Brasil, 2008).

Segundo Vasconcelos; Alves (2024, p. 8), “essas leis inauguram uma nova forma de pensar o sistema de ensino e as práticas pedagógicas ao abordar a história da população afro-brasileira no contexto escolar”. Nesse sentido, observa-se que a implementação dessas políticas públicas representa um avanço na promoção da igualdade racial nas escolas, colaborando para a valorização da diversidade étnico-racial e para a formação de sujeitos antirracistas.

A implementação da Lei nº 10.639/2003 representa um importante avanço na construção de uma educação comprometida com o enfrentamento do racismo, embora sua efetivação ainda enfrente desafios nas instituições escolares (Gomes; Jesus, 2013). Nesse contexto, a educação das relações étnico-raciais configura-se como uma importante ferramenta de transformação social, propiciando o reconhecimento e o respeito às diferenças e para o enfrentamento das práticas de discriminação nas escolas.

Para que essas discussões estejam presentes no ambiente escolar, a universidade, por meio dos projetos de extensão, desenvolve ações educativas nas escolas. Dias *et al.* (2024) descrevem que a extensão universitária aproxima o conhecimento produzido na academia das demandas sociais, articulando teoria e prática por meio de atividades extensionistas direcionadas ao enfrentamento de questões presentes na sociedade.

Ao integrar a instituição de ensino superior e a comunidade, a extensão universitária articula ensino e pesquisa em um processo de formação marcado pela troca de conhecimentos (Lima; Neto; Pompeu, 2020).

Embora esses temas estejam previstos na legislação educacional, ainda são pouco trabalhados de forma integrada nas escolas e nas diferentes disciplinas, como Língua Portuguesa, Educação Física, História, Geografia e Ciências. Nesse contexto, reforça-se a importância de ações extensionistas que efetivem a discussão dessas temáticas no ambiente escolar.

Este trabalho tem como objetivo relatar a experiência de um projeto de extensão desenvolvido em escolas municipais do município de Humaitá-AM, que abordou o racismo estrutural e as desigualdades étnico-raciais.

METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza como relato de vivência do tipo qualitativo, desenvolvido no âmbito do Projeto de Extensão do Edital 006/2026 PROEXT-PG UFAM Emergencial, que visou incentivar a realização de ações extensionistas na pós-graduação da UFAM, voltadas à promoção da equidade social, racial, de gênero e de direitos humanos.

Assim o projeto de extensão foi desenvolvido em três escolas municipais do município de Humaitá/AM; Escola Gilberto Mestrinho, Escola José Cesário de Menezes Barro e a Escola Irmã Carmem Cronenbold, desenvolvido para as turmas do 9º ano do Ensino Fundamental II, no total de 133 alunos participaram do projeto de extensão e as palestras nas escolas foram desenvolvidas conforme a disponibilidade cada uma.

Primeiramente, para o desenvolvimento das atividades, foi realizado contato com os gestores das escolas e com o professor da disciplina de Ciências para conhecimento e alinhamento do projeto de Extensão e definição das datas. Na Escola Gilberto Mestrinho, a atividade ocorreu no dia 02 de abril de 2026, no turno vespertino em duas turmas na sala multimídia da escola; na Escola José Cesário de Menezes Barro, no dia 14 de abril de 2026 em 1 turma em sala de aula na

disciplina de ciências; e, por último, na Escola Irmã Carmem Cronenbold, no dia 27 de abril de 2026 foi realizado na quadra poliesportiva da escola pois foram realizados para três turmas do 9º ano.

Foram confeccionados dois questionários com sete questões cada com perguntas abertas e fechadas, segundo Gil (1999, p.128), o questionário “é uma técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas e situações vivenciadas”.

Sendo o primeiro aplicado no momento da entrada dos alunos em sala, contendo sete questões abertas e fechadas, elaboradas com o objetivo de identificar o conhecimento prévio sobre a temática que seria trabalhada. Após uma breve apresentação da equipe, foi entregue aos alunos, que dispuseram de 15 minutos para o preenchimento.

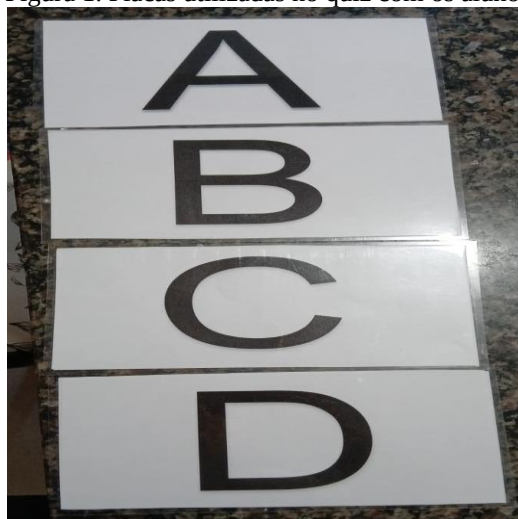
O segundo questionário foi aplicado ao final das atividades, com a finalidade de avaliar o que os alunos aprenderam ao longo das atividades composto por sete questões abertas e fechadas, dispondo igualmente de 15 minutos para responder.

Foi elaborado um slide da palestra intitulada “Diálogo em Escolas Municipais de Humaitá-AM: Racismo Estrutural e Desigualdades Étnico - Raciais”. Apresentado no Datashow, além disso também foram utilizados caixa de som e microfone. Foi exibido um vídeo com duração de 17 minutos sobre racismo estrutural e Desigualdades Étnicos - Raciais.

Após a exibição, a turma foi dividida em grupos para realização de atividade pedagógica. A produção da atividade pedagógica foi um quiz, conforme, Vargas e Ahlert (2018, p. 122) “o quiz tem o objetivo de incentivar os estudantes a pensarem, pesquisarem, refletirem e discutirem os conteúdos e conceitos passados em sala de aula, através de questões de ordem teóricas e práticas”.

Deste modo o quiz, foi projetado no Datashow com 10 perguntas sobre a temática, para essa dinâmica, foram confeccionadas placas (Figura 1) com letra do alfabeto A, B, C, D, os alunos foram divididos em equipe de cinco alunos. Também foi produzido um marca-páginas (Figura 2), criado no Word para posterior impressão em papel couchê matte branco 180g/m² e tesouras para corte dele.

Figura 1. Placas utilizadas no quiz com os alunos



Fonte: Elaborada pelos próprios autores

Figura 2. Produção da marca-página



Fonte: Elaborada pelos próprios autores

Assim, as informações coletadas por meio dos questionários foram organizadas por meio de análise de conteúdo proposta por Bardin (1977), buscou compreender o conhecimento prévio e as aprendizagens construídas ao longo das atividades e os dados foram analisados por meio de estatística descritiva, conforme os procedimentos descritos por Morettin; Bussab (2010) e Larson; Farber (2016), sendo calculadas as frequências absolutas, frequências relativas e elaborados gráficos para a apresentação dos resultados obtidos nos questionários.

O desenvolvimento das ações também foi acompanhado por meio de observação direta e registros fotográficos, contribuindo para a sistematização do relato de vivência.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

No primeiro momento, com a coordenadora do projeto foram definidas as etapas e planejadas as atividades que seriam desenvolvidas nas escolas. O planejamento é entendido como processo contínuo pensado para atender às necessidades coletivas e individuais, por meio de estratégias e ações para alcançar os objetivos do estudo (Klosowski; Reali, 2008).

Durante o planejamento, foram organizadas as ideias e elaborando os questionários que seriam aplicados no início e ao final das atividades, com o objetivo de avaliar o conhecimento dos alunos antes e depois da abordagem da temática, com perguntas abertas e fechadas.

Também foram discutidas quais estratégias poderiam facilitar a compreensão do conteúdo. Assim, foi trabalhado com um quiz, por ser uma atividade pedagógica e ao mesmo tempo lúdica, que incentivou a participação e o envolvimento de todos os alunos.

Como mencionado anteriormente, o projeto foi desenvolvido em três escolas municipais de Humaitá-AM, com turmas do 9º ano do Ensino Fundamental II. O primeiro contato com a escola ocorreu por meio da gestora e da pedagoga, a qual foi apresentando o projeto de extensão, neste momento a escola definiu a data para a realização do projeto, as atividades foram desenvolvidas durante as aulas de Ciências, juntamente com o professor da disciplina.

No início de cada palestra, realizamos uma breve apresentação e, em seguida, questionamos os alunos sobre o tema do projeto. Essa estratégia teve como objetivo identificar os conhecimentos prévios dos alunos sobre a temática trabalhada. Nesse contexto, Brighenti; Biavatti; Souza (2015) destacam que a percepção constitui um elemento essencial para o desenvolvimento dos processos de aprendizagem, educação e ensino.

Dessa forma, observou-se que muitos alunos conseguiram explicar o conceito de racismo e desigualdade étnico-racial. No entanto, alguns apresentaram dificuldades para definir o conceito de racismo estrutural. Com o objetivo de avaliar o nível de conhecimento dos alunos sobre a temática, foi aplicado um questionário inicial contendo sete questões abertas e fechadas. O questionário foi respondido por todos os participantes antes do desenvolvimento da aplicação do projeto de extensão. A Figura 3 apresenta os alunos durante a aplicação do questionário.

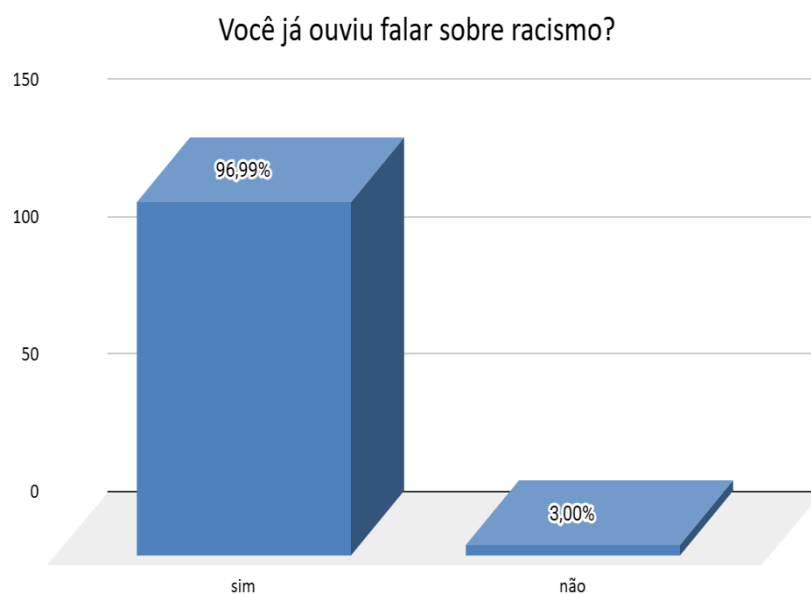
Figura 3. Aplicação dos questionários com os alunos



Fonte: Elaborada pelos próprios autores

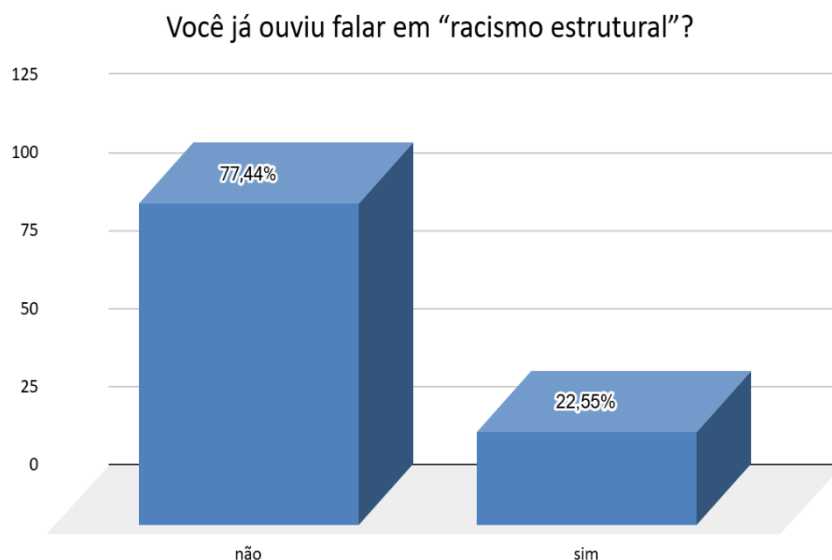
Com o intuito de compreender o nível de conhecimento dos participantes sobre a temática, uma das perguntas realizadas foi se já haviam ouvido falar sobre racismo e racismo estrutural (Figura 4).

Figura 4. Percentual de alunos que já ouviram falar sobre racismo



Fonte: Elaborada pelos próprios autores

Figura 5. Percentual de alunos que já ouviram falar sobre racismo estrutural



Fonte: Elaborada pelos próprios autores

Nota-se que sobre racismo 96,99% dos alunos já ouviram falar sobre racismo, que esse tema faz parte de suas vivências e das discussões presentes na escola e na vida cotidiana. Entretanto, 77,44% dos alunos responderam não conhecer o termo racismo estrutural.

Esse resultado demonstra que, embora o conceito de racismo seja familiar para a maioria dos alunos, o racismo estrutural ainda é pouco conhecido, o que pode explicar as dúvidas apresentadas. Em seguida, foi realizada a palestra sobre a temática do projeto (Figura 6), trazendo exemplos do cotidiano dos alunos.

Figura 6. Realização da palestra sobre racismo e racismo estrutural com os alunos



Fonte: Elaborada pelos próprios autores

Durante esse momento, houve interação, com perguntas, comentários e relatos dos próprios. Em muitos casos, eles mencionaram situações que já tinham vivido ou presenciado, mas que, para eles, eram vistas apenas como “brincadeiras”, sem compreenderem inicialmente a dimensão e os impactos dessas atitudes. Os métodos utilizados trazem para a sala de aula maior interação entre os alunos (Cavalcante; Saldanha; Lima, 2022).

Esses relatos são descritos por Silva; Silva; Silva (2023) como racismo recreativo, caracterizado por piadas e brincadeiras que utilizam estereótipos relacionados às características da população negra ou a atributos físicos femininos e masculinos como forma de humor racista. Esse tipo de situação pode resultar em consequências psicológicas, como o desenvolvimento de sentimentos negativos em relação à identidade e à cor (França; Monteiro, 2002).

Quando o assunto era racismo estrutural, muitos alunos ainda apresentavam dificuldades para compreender esse conceito. Durante a palestra, surgiram perguntas como: “Qual é a diferença entre racismo e racismo estrutural? Não é a mesma coisa?”. Isso mostrou que, apesar de já terem ouvido falar sobre racismo, muitos ainda não conheciam o que era o racismo estrutural.

Nesse momento, foram apresentados exemplos de situações do cotidiano para explicar a diferença entre os dois conceitos. Durante as discussões, alguns alunos conseguiam identificar corretamente situações de racismo estrutural, enquanto outros ainda apresentavam dúvidas, tornando esse momento uma oportunidade de diálogo e aprendizagem.

Conforme destaca Silva (2014), o diálogo com os alunos proporciona uma troca de conhecimentos baseada no respeito e na construção do processo de aprendizagem, tornando-os mais motivados e contribuindo para a compreensão dos conteúdos abordados. E corrobora com Gomes; Jesus (2013), ao destacarem que as ações voltadas para a educação das relações étnico-raciais contribuem para sensibilizar os alunos e ampliar sua compreensão sobre o racismo, o preconceito e a discriminação racial.

Nesse contexto, a inclusão do ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, prevista pela Lei nº 10.639/2003 e ampliada pela Lei nº 11.645/2008, constitui um importante instrumento para ampliar a compreensão das relações étnico-raciais, valorizar a diversidade e contribuir para o enfrentamento do racismo na escola (Bersani, 2017).

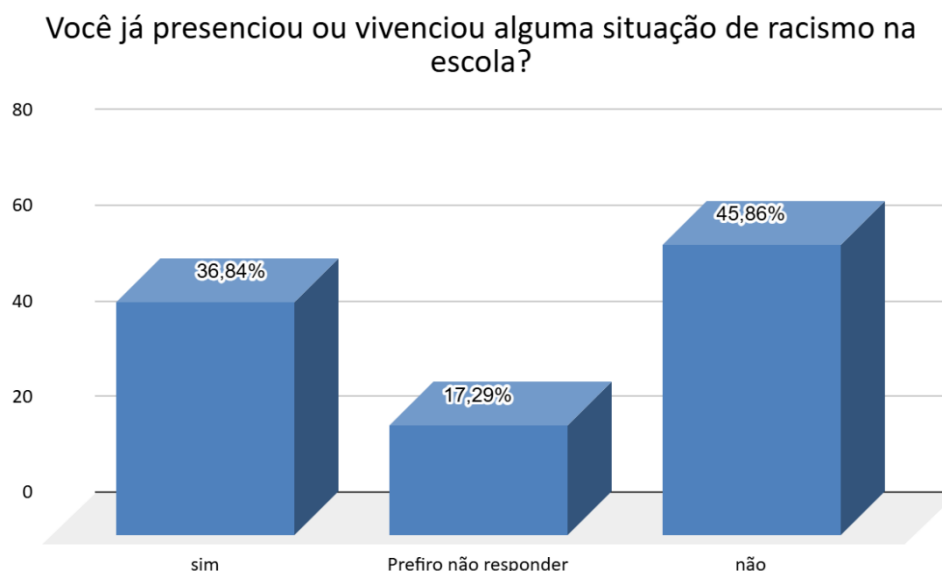
Observou-se que, durante a palestra, os alunos demonstraram curiosidade e participação com a temática trabalhada. Com os exemplos do cotidiano eram discutidos, muitos passaram a reconhecer que atitudes antes consideradas apenas como brincadeiras eram formas de racismo e

discriminação e relatando que essas situações faziam parte do cotidiano, mas nem sempre eram identificadas como práticas de preconceito ou racismo.

Os relatos dos alunos mostram o que Almeida (2019) afirma ao discutir que o racismo estrutural opera justamente por meio da naturalização das desigualdades raciais, tornando comuns comportamentos e discursos discriminatórios. Assim, muitas práticas racistas acabam sendo reproduzidas no cotidiano sem que sejam reconhecidas como formas de discriminação. “O racismo não ocorre apenas na escola, mas também na família, na mídia, nas ruas, praças, clubes e em tantos outros espaços e instituições sociais” (Moreira-Primo; França, 2020, p. 27)

A partir das discussões realizadas durante a palestra, buscou-se compreender se os alunos já haviam presenciado ou vivenciado alguma situação de racismo na escola (Figura 7).

Figura 7. Percentual de alunos que já presenciaram ou vivenciaram alguma situação de racismo na escola



Fonte: Elaborada pelos próprios autores

Os resultados do gráfico demonstram que 36,84% dos alunos relataram já ter presenciado ou vivenciado situações de racismo na escola. Por outro lado, 45,86% afirmaram não ter passado por essa experiência, enquanto 17,29% preferiram não responder à questão.

Para Chagas; França (2010) as experiências de racismo vivenciadas na escola podem tornar a trajetória escolar difícil para os alunos negros, contribuindo para sentimentos de incapacidade, desvalorização e dificuldades no processo de aprendizagem. Além disso, Munanga (2005) ressalta que as relações preconceituosas na escola desestimulam os alunos negros, refletindo em dificuldades de aprendizagem, repetência e evasão escolar.

Esses aspectos também foram observados durante a atividade realizada, os meninos apresentaram maior participação nas discussões, trazendo exemplos do cotidiano e mencionando jogadores que o acompanham e sofrem racismo. As meninas, por sua vez, relataram situações relacionadas a comparação de cabelos e a apelidos recebidos por seus traços físicos, os quais lhes causavam incômodo.

O racismo vivenciado pelos alunos acontece em diferentes contextos e experiências. Enquanto os meninos associaram a temática aos casos de racismo no esporte, as meninas relataram situações do cotidiano escolar. Isto mostra que o racismo está presente na mídia e nas interações diárias entre os próprios alunos.

Na literatura destaca que “os apelidos recebidos na escola durante a infância e adolescência deixam marcas profundas nos indivíduos discriminados” (Panta; Silva, 2024, p.13). Nesse sentido, a escola é um dos espaços de construção da identidade do indivíduo desde a infância, mas também pode ser um ambiente em que o preconceito e a discriminação estão presentes, refletindo as relações e desigualdades existentes na sociedade (Ferreira; Carmargo, 2011).

Ao final da palestra, foi aplicado um quiz para revisar e reforçar os conteúdos discutidos. Notou-se que no quiz os alunos participaram em responder às perguntas e interagindo entre si para definir as respostas. Em diversos momentos, as equipes discutiram as alternativas antes de levantar as placas, havendo a troca de ideias e o diálogo sobre os temas abordados.

Também antes de responderem às perguntas, muitos justificaram suas escolhas, explicando por que acreditavam que determinada alternativa era a correta. Esse resultado é demonstrado por Silva *et al.* (2026), que destacam que os questionamentos realizados durante as atividades estimulam a interação e a participação dos alunos no processo de aprendizagem.

Atividades que contam com a participação dos alunos constituem uma importante estratégia para a socialização do conhecimento e aprendizagem de crianças e jovens e requer metodologias diferenciadas dos modelos tradicionais, capazes de despertar o interesse dos alunos durante as atividades (Oliveira; Lourenço; Fernandes, 2018).

Em escolas amazônicas, atividades pedagógicas planejadas com abordagem lúdica tornam os conteúdos mais atrativos, com construção de novos conhecimentos e estímulo à participação dos alunos na reflexão sobre questões ambientais e sociais (Gomes *et al.*, 2026).

Foi apresentado o vídeo abordando racismo estrutural e desigualdades étnicos - raciais, para a reflexão dos alunos sobre a temática. O uso dessa ferramenta de aprendizagem amplia o

acesso à informação, unindo o cotidiano dos alunos que já estão acostumados com o uso das mídias (Silveira; Carvalho, 2021).

Nesse sentido, percebeu-se que, no início da palestra, o tema era visto como algo comum, porém, ao longo da aplicação do projeto, os alunos passaram a ter uma percepção diferente sobre a temática. Assim, a participação dos alunos foi importante para o desenvolvimento do projeto de extensão, pois possibilitou a troca de conhecimentos e a valorização dos diferentes pontos de vista. Ouvir e considerar o que os alunos relataram durante as discussões contribuíram diretamente para o desenvolvimento das atividades e para a aprendizagem sobre a temática.

CONCLUSÃO

O projeto extensionista foi um momento de aproximação entre os mestrandos e os alunos das escolas participantes, permitindo o contato direto e uma troca de conhecimentos enriquecedora. Essa experiência, que muitas vezes ocorre apenas durante a graduação, foi vivenciada novamente na pós-graduação com um olhar mais amadurecido, levando à compreensão das percepções, dos relatos e das experiências dos alunos sobre a temática abordada.

Trabalhar o racismo estrutural e as desigualdades étnico-raciais na escola foi uma experiência enriquecedora, pois trouxe para o espaço escolar um tema presente na sociedade, mas que muitas vezes ainda é pouco compreendido no cotidiano. A realização desse projeto contribuiu para a formação dos alunos, incentivando a reflexão sobre suas vivências e sobre as relações de preconceito e discriminação presentes na sociedade.

Durante as atividades, observou-se o interesse e o envolvimento dos alunos, principalmente nos momentos de diálogo e nas dinâmicas propostas. Os relatos apresentados pelos alunos, relacionando o conteúdo com situações vividas no dia a dia, demonstraram a importância de abordar essa temática a partir da realidade de cada um. Além disso, muitos alunos tiveram contato com conceitos que ainda não conheciam, ampliando seus conhecimentos sobre o racismo e suas diferentes manifestações.

Dessa forma, as ações desenvolvidas deixaram contribuições para as escolas participantes, uma vez que os alunos podem atuar como multiplicadores desse conhecimento, levando essas reflexões para suas famílias e para a sociedade. A experiência também reforça a importância de transformar as diretrizes previstas nas legislações educacionais em ações desenvolvidas no

cotidiano escolar, para que a Educação das Relações Étnico-Raciais esteja presente nas diferentes disciplinas e faça parte da formação dos alunos.

No entanto, este relato de experiência demonstra a importância de projetos de extensão voltados para essa temática e incentiva a realização de novas ações nas escolas, pois conhecer a história e a cultura dos povos afro-brasileiros e indígenas fortalece a valorização da diversidade, o respeito às diferenças e a construção de uma sociedade antirracista, promovendo a troca de saberes, a inclusão social e o desenvolvimento regional.

AGRADECIMENTOS

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM), entidade com a finalidade exclusiva de amparo à pesquisa científica básica e aplicada e ao desenvolvimento tecnológico experimental, com o objetivo de aumentar o estoque de conhecimentos científicos e tecnológico, assim como sua aplicação, no interesse do desenvolvimento econômico e social do Estado Amazonas; Ao Programa de pós-graduação Ciências Ambientais (PPGCA) e a Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. L. **O que é racismo estrutural?** São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2020.

BARATA, R. B. As desigualdades étnicas necessariamente significam racismo. In: **Como e por que as desigualdades sociais fazem mal à saúde** [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, Temas em Saúde collection, p. 55 - 71, 2009.

BERSANI, H. Racismo estrutural e o direito à educação. **Revista Educação Perspectiva**, v. 8, n. 3, p. 380 - 397, 2017.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília, DF: MEC/SEPPPIR, 2004.

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Diário Oficial da União: Brasília, DF, 10 jan. 2003.

BRASIL. **Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e

bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Diário Oficial da União: Brasília, DF, 11 mar. 2008.

BRIGHENTI, J.; BIAVATTI, V. T.; SOUZA, T. R. Metodologias de ensino-aprendizagem: uma abordagem sob a percepção dos alunos. **Revista Gestão Universitária na América Latina**, v. 8, n. 3, p. 281-304, 2015.

CAVALCANTE, F.S.; SALDANHA, L.S.; LIMA, R.A. O estágio em docência na pós-graduação: um relato de experiência durante a disciplina de botânica. **Revista EDUCAmazônia - Educação, Sociedade e Meio Ambiente**, v. 15, n. 2, p. 271-282, 2022.

GOMES, C. J.; MORAES B. D.; GAMA, dos S., G.; BRITO, de S. D.; CAMPOS C. R.; LIMA, R.A. O ensino de ciências pelo lúdico: a utilização de fantoches para o processo de ensino-aprendizagem em uma escola pública no município de Humaitá, Amazonas. **South American Journal of Basic Education, Technical and Technological**, v. 12, n. Sup. 1, p. 219 - 235, 2026.

CHAGAS, L; FRANÇA, D. X. Racismo, Preconceito e Trajetória Escolar de Crianças Negras e Brancas: A Realidade de Sergipe. **Anais: relatório disponível pelo IV Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade**, 2010.

DIAS, A. C. M. F.; MELO, E. C. DE A.; SILVA, G. S. M. DA.; SIQUEIRA, M. F. H. DE.; SILVA, Y. C. M. Extensão universitária: o impacto das ações extensionistas desenvolvidas pelo projeto de extensão lampiar nas escolas públicas. **Revista EXTENDERE**, v. 10, n. 1, p. 58 - 71, 2024.

FERREIRA, R. F.; CAMARGO A. C. As relações cotidianas e a construção da identidade negra. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 31, n. 2, p. 374 - 389, 2011.

FRANÇA, D. X; MONTEIRO, M. B. Identidade racial e preferências e em crianças brasileiras de cinco e dez anos. **Psicologia**, v. XVI, n.2. p. 293 - 323, 2002.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GOMES, N. L.; JESUS, R. E. As práticas pedagógicas de trabalho com relações étnico-raciais na escola na perspectiva de Lei 10.639/2003: desafios para a política educacional e indagações para a pesquisa. **Educar em Revista**, n. 47, p. 19-33. 2013.

KLOSOUSKI, S. S.; REALI, K. M. Planejamento de ensino como ferramenta básica do processo ensino-aprendizagem. **UNICENTRO - Revista Eletrônica Lato Sensu**, ed. 5, 2008.

LARSON, R.; FARBER, B. **Estatística aplicada** / Ron Larson, Betsy Farber; tradução José Fernando Pereira Gonçalves; revisão técnica Manoel Henrique Salgado. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2015.

LIMA, M. X. A.; FERREIRA N. M. N.; POMPEU, R. M. Projeto de extensão no ensino superior como prática de responsabilidade social. **Revista de Gestão e Avaliação Educacional**, v. 9, n. 18, p. 1 - 12, 2021.

MOREIRA-PRIMO, U. S.; FRANÇA, D. X. Experiências de racismo em crianças: o que acontece no cotidiano escolar. **Revista Uniabeu**, v. 13, n. 33, p. 24 - 44, 2020.

MORETTIN, P. A.; BUSSAB, W. O. **Estatística Básica** - PEDRO A. MORETTIN, WILTON O. BUSSAB. – 6. ed. – São Paulo: Saraiva, 2010.

MUNANGA K. **Superando o Racismo na escola**. 2ª edição revisada / Kabengele Munanga, organizador. – [Brasília]: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, p. 204, 2005.

OLIVEIRA, J. S. A. DE.; LOURENÇO, S. S.; FERNANDES, H. L. Dinâmicas em sala de aula: liberdade e interação social na produção do conhecimento. **Revista Internacional de Formação de Professores**, v. 3, n.1, p. 18 - 34, 2018.

PANTA, M.; SILVA, M. N. Os impactos do racismo na trajetória de estudantes do ensino médio: experiências e percepções de negros e brancos. **Sociologias**, v. 26, p. 1- 31, 2024.

PEREIRA, M. A. C.; ARAÚJO, J. do N.; ALVES, R. H. R. A.; SILVA, D. L. da; PONCE, A. P. S.; LIMA, R. A. Racismo ambiental e violação de direitos: impactos subjetivos e institucionais das enchentes em territórios amazônicos. **Revista DCS**, v. 23, n. 86, p. e4203, 2026.

SILVA J.R. Um olhar direcionado para a aprendizagem significativa do aluno. **Caderno de física da UEFS**. v. 12, n. 02, p. 07-10, 2014.

SILVA, A. F. O.; NASCIMENTO, G. G. do; ROCHA, V. A. da; LIMA, R. A. Estágio supervisionado na docência: vivências na disciplina Saúde e Ambiente no curso de Licenciatura em Ciências - Biologia e Química. **Caderno Pedagógico**, v. 23, n. 1, p. e22665, 2026.

SILVA, M. M. da.; SILVA, J. W. de S.; SILVA, R. A. da. Cenas de racismo na Escola: Discursos dos/as jovens do Sertão do Pajeú. **Revista Elo - Diálogo em extensão**. v. 12, p. 1-14, 2023.

SILVEIRA, T. R. S.; CARVALHO, M. A. G. de. Uma avaliação do uso de vídeos na educação básica no Brasil: efeitos sobre a motivação dos alunos no ensino e aprendizagem. **Revista Sítio Novo**. v. 5 n. 1 p. 19 - 30, 2021.

VARGAS, D. de; AHLERT, E. M. O processo de aprendizagem e avaliação através de QUIZ. 2017. Artigo (**Especialização**) – Curso de Docência na Educação Profissional, Universidade do Vale do Taquari - Univates, Lajeado, 22 set. 2017.